



7 • Correio Braziliense — Brasília, quinta-feira, 7 de novembro de 2024

Bolsas Na quarta-feira	Pontuação B3 Ibovespa nos últimos dias	Dólar Na quarta-feira	Salário mínimo	Euro Comercial, venda na quarta-feira	CDI Ao ano	CDB Prefixado 30 dias (ao ano)	Inflação IPCA do IBGE (em %)
0,24% São Paulo	128.120	R\$ 5,675 (-1,26%)	R\$ 1.412	R\$ 6,094	10,65%	11,23%	Maio/2024 0,46 Junho/2024 0,21 Julho/2024 0,38 Agosto/2024 -0,02 Setembro/2024 0,44
3,57% Nova York	1/11 4/11 5/11 6/11	31/outubro 5,781 1º/novembro 5,869 4/novembro 5,783 5/novembro 5,748					

POLÍTICA MONETÁRIA

Antídoto para inflação, juros vão a 11,25%

Comunicado divulgado após a reunião do Copom, realizada entre terça-feira e ontem, mostra cenário mais pessimista

» ROSANA HESSEL

O Banco Central decidiu, ontem, aumentar a taxa básica da economia (Selic) em 0,50 ponto percentual, para 11,25% ao ano, em meio ao aumento das preocupações com o aumento das pressões inflacionárias, com o cenário externo mais incerto e a piora do quadro fiscal, sem uma definição do novo pacote de corte de gastos do governo. A decisão foi unânime, mas o BC não sinalizou quando pretende encerrar o ciclo de alta de juros, iniciado em setembro. Na reunião anterior, em setembro, a Selic havia subido 0,25 ponto, para 10,75% anuais, após três reuniões de estabilidade.

Após a decisão, analistas fazem novas projeções para os juros no fim desse novo ciclo de alta. Agora, a taxa de juros real (descontada a inflação) do Brasil passou para 8,08% ao ano, considerando a inflação projetada para os próximos 12 meses, conforme dados da MoneYou. O país está atrás apenas da Turquia e da Rússia, cujas taxas de juros reais anuais estão em 15,18% e 12,19%, respectivamente.

No comunicado em que informa o resultado da reunião, o Comitê de Política Monetária (Copom) do BC fez poucas alterações em relação à nota da reunião anterior, mas piorou as perspectivas para a inflação futura e elevou de 4,36% para 4,60% a previsão de inflação deste ano — acima do teto da meta de 4,50%. Para 2025 e para o primeiro trimestre de 2026, as projeções para o Índice de Preços ao Consumidor Amplo (IPCA) passaram de 3,7% e 3,5% para 3,9% e 3,6%, respectivamente.

O colegiado reforçou a preocupação com a questão fiscal e com o aumento das incertezas do mercado externo, que aumentam as pressões inflacionárias e fazem com que o Copom continue sem sinalizar quando pretende terminar o ciclo de aumento de juros. Segundo a nota, o mercado doméstico segue marcado pela persistência dos efeitos da incerteza sobre o cenário fiscal e a desancoragem das expectativas de inflação. Os dados de atividade econômica e mercado de trabalho seguem mostrando dinamismo e a inflação corrente, bem como seus núcleos, estão acima da meta de 3%, até o horizonte relevante, ou seja, até o primeiro trimestre de 2026. “O ritmo de ajustes futuros na taxa de juros e a magnitude total do ciclo de aperto monetário serão ditados pelo firme compromisso de convergência da inflação à meta e dependerão da evolução da dinâmica da inflação”, destacou a nota do Comitê.

O aumento do ritmo de aperto monetário era esperado pelo mercado e analistas passaram a aumentar as previsões para a taxa Selic no fim do ciclo de alta de juros. De acordo com o economista-chefe do Banco BV,



A elevação na Selic apenas irá trazer prejuízos desnecessários à atividade econômica, com reflexos negativos em termos de criação de emprego e renda para a população*

Confederação Nacional da Indústria (CNI), em nota

Roberto Padovani, o piso da taxa terminal da Selic deverá ser de 12,50% ao ano. “A justificativa para esse aumento dos juros, segundo o Banco Central, tem a ver com a piora do balanço de riscos. A desancoragem das expectativas continua. A inflação de serviços não mostra a convergência e, o mais importante, ainda existe uma dinâmica cambial desfavorável”, afirmou. Segundo Padovani, devido ao cenário global e às incertezas fiscais locais, é possível que o Banco Central continue subindo os juros em 0,50 ponto percentual nas próximas reuniões de dezembro e de janeiro, encerrando o ciclo com alta de 0,25 ponto percentual, para 12,50%. “O cenário do Banco BV, que considera alguma medida de ajuste fiscal e desaceleração econômica em 2025, trabalha com cortes de juros a partir do segundo semestre, com a taxa básica encerrando o ano em 11,50%, afirmou.

Já Caio Megale, economista-chefe da XP Investimentos, elevou de 12% para 13,25% ao ano, devido à piora nas projeções do Copom para a inflação. “O comunicado pós-reunião manteve o conteúdo semelhante ao anterior, ressaltando os riscos para as perspectivas de inflação e mantendo tom duro (hawkish, no jargão econômico) em relação à política monetária adiante”, destacou Megale. Segundo ele, considerando as incertezas à frente, “faz sentido manter abertas as possibilidades”. Ele prevê mais quatro aumentos de 0,50 ponto percentual na Selic nas próximas reuniões do Copom.

“O comunicado foi duro no recado para o governo e foi duro ao mostrar que a política monetária vai ter que ser mais apertada do que está precificado no Focus. Portanto, a não ser que tenhamos um pacote de ajuste fiscal que reverta as expectativas do mercado quanto ao compromisso do governo com o equilíbrio das contas públicas, cenários em que os juros tenham que ir além dos 13% ao ano ou sejam mantidos acima de 12% ao ano por mais tempo, vão ganhar força”, afirmou Luis Leal, economista-chefe da G5 Partners.

Na avaliação de Sergio Vale, economista-chefe da MB Associados, não havia espaço para o BC fazer outra coisa a não ser aumentar a taxa Selic no novo patamar. “A inflação segue pressionada nas expectativas. Não tinha justificativa para ser diferente e o BC reforça que a mudança na trajetória na expectativa fiscal é essencial para pensar em controle maior de inflação e juros no futuro”, afirmou. Ele estima que a taxa Selic vai encerrar o ciclo de alta de juros em 12,75% anuais.

José Francisco de Lima, economista-chefe do Banco Fator, ressaltou que, no comunicado, a maior preocupação continua a ser o cenário fiscal, responsável por afetar, “de forma relevante, os preços dos ativos e as expectativas dos agentes, especialmente o prêmio de risco e a taxa de câmbio”.

Setor produtivo

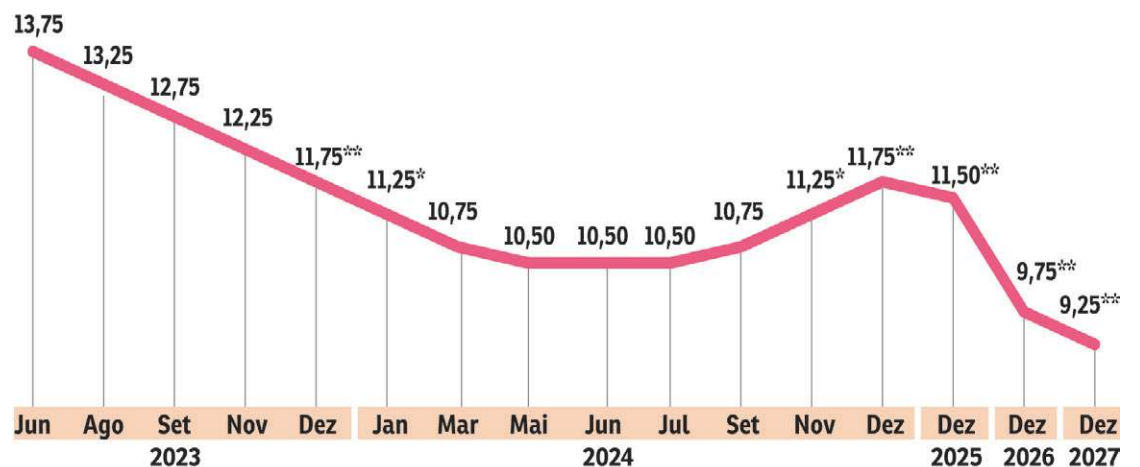
Para a Federação das Indústrias do Estado do Rio de Janeiro (Firjan), o novo aumento da taxa Selic foi “excessivo”, diante do atual cenário inflacionário. “Dados recentes da inflação oficial do país mostram que, no acumulado em 12 meses, tanto o índice geral quanto os itens mais sensíveis à taxa de juros estão dentro do intervalo da meta para 2024”, destacou a nota da entidade. De acordo com a Firjan, o atual patamar da taxa de juros é elevado e “inviabiliza uma recuperação sustentável da indústria, em especial da indústria de transformação, que há dois anos consecutivos registra queda na produção” e compromete os investimentos, “que continuam abaixo da média mundial”. “As incertezas relacionadas à condução da política comercial externa a ser adotada pelo novo governo americano tornam o cenário no médio prazo ainda mais desafiador”, acrescentou o comunicado.

A Confederação Nacional da Indústria (CNI) também criticou a decisão do Banco Central e disse que recebeu “com indignação” o comunicado do Copom, que está na contramão de outros países, que estão reduzindo os juros em vez de aumentá-los. “Além de ser equivocados, o movimento de alta foi intensificado, já que o Banco Central subiu o ritmo de aumento em 0,25 ponto percentual frente à reunião anterior”, afirmou a nota da CNI. Na avaliação da entidade, a decisão do Copom foi “extremamente conservadora”, porque o nível em que a Selic se encontrava antes da reunião já era mais do que suficiente para manter a inflação sob controle. “É importante observar que a inflação tem sido impactada por fatores sobre os quais a política monetária não tem efeito. Por isso, a elevação na Selic apenas irá trazer prejuízos desnecessários à atividade econômica, com reflexos negativos em termos de criação de emprego e renda para a população”, complementou.

Escalada

Banco Central decide elevar taxa básica da economia (Selic) em mais 0,50 ponto percentual, para 11,25% ao ano, como esperado pelo mercado

DECISÃO DO COPOM TAXA SELIC (Em % ao ano)



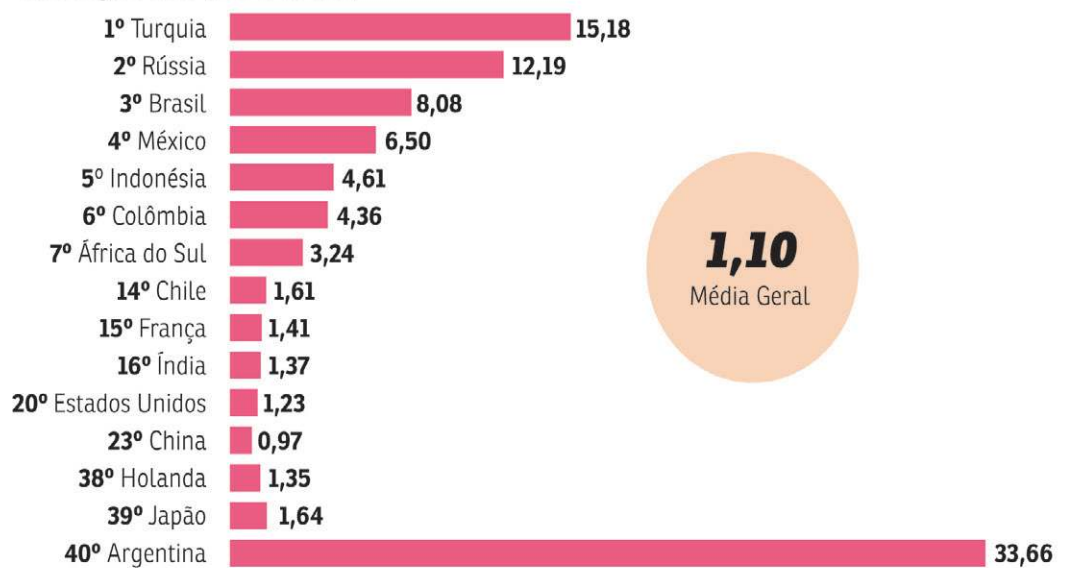
*Decisão do Copom

**Mediana das projeções do mercado para a taxa Selic do Boletim Focus, do Banco Central

RANKING GLOBAL

Com novo aumento da taxa Selic, Brasil fica em 3º lugar no ranking global de juros reais da MoneYou, atrás de Turquia e Rússia

Taxa de juro real* (Em % ao ano)



1,10

Média Geral

*Considerando a inflação ex-ante — projetada para os próximos 12 meses
Fontes: Banco Central e MoneYou

PARA AMORES INCONDICIONAIS, DIREITOS INTEGRAIS.

A CLDF TRABALHA NA DEFESA DOS ANIMAIS.

Agora é lei. Em defesa da causa animal, a CLDF criou, além da Lei que institui o Programa Guardião Responsável, a Lei que proíbe o tratamento de animais como objetos, garantindo a tutela jurisdicional em caso de violação de direitos. Agora, cães, gatos e outros pets do Distrito Federal contam com mais proteção.

Conheça essas e outras leis que promovem a adoção consciente e o combate ao abandono e aos maus-tratos aos animais no portal da CLDF.

CÂMARA LEGISLATIVA
DISTRITO FEDERAL

TV DISTRITAL

CANAIS
ABERTO NET VIVO
9.3 11 9